

| 32 | CIDADE-JARDIM: APROPRIAÇÕES E ADAPTAÇÕES DO MÉTODO EM EMPREENDIMENTOS INDUSTRIAIS

Telma de Barros Correia

Resumo

O trabalho analisa um conjunto de doze planos de vilas operárias e núcleos fabris concebidos no Brasil, seguindo - de forma mais ou menos fiel - postulados e ferramentas de projeto difundidos no âmbito do urbanismo das cidades-jardim. Mostra como o urbanismo das cidades-jardim encontrou campo de aplicação em projetos desta natureza no país na primeira metade do século xx, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940. Indica como a difusão do método em empreendimentos ligados a fábricas vinculou-se à contribuição de profissionais de urbanismo como Ângelo Bruhns, Lincoln Continentino, Ângelo Murgel, Francisco Baptista de Oliveira, Abelardo Soares Cauiby e Romeu Duffles. Assinala como estratégias e procedimentos projetuais vinculados ao modelo espacial das cidades-jardim foram, na maioria das vezes, aplicados de forma parcial e restrita, postura associada aos requisitos de economia que regem os empreendimentos industriais e à urgência como alguns destes conjuntos foram erguidos, exigindo - em alguns casos - que o plano se moldasse ao já construído. Destaca as qualidades excepcionais do projeto da vila operária da *Companhia Commercio e Navegação* pela aplicação do método de projeção integrando urbanismo, arquitetura e paisagem.

Palavras-chave: Cidade-jardim, Pitoresco, Vilas Operárias, Núcleos Fabris, Indústria.

1. A cidade-jardim e a fábrica

No cenário urbano brasileiro das últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, a estética do pitoresco encontrou amplo campo de manifestação. Expressões arquitetônicas desta estética foram os chalés, bangalôs e *cottages*, tipologias inspiradas em modelos campestres de habitação, que naquele momento eram transpostos para os subúrbios urbanos que se expandiam. Coerente com a origem destas tipologias, as construções nelas inspiradas incorporam com frequência um vocabulário formal vinculado à arquitetura vernacular europeia. O complemento desta arquitetura é a vegetação profusa, que dos jardins de casas e prédios de uso coletivo, avança para vias arborizadas e ajardinadas e, eventualmente, para parques e praças. Assim, tal estética logo extrapolaria os limites da casa e do seu jardim, para buscar uma expressão no conjunto do espaço de um bairro, núcleo residencial ou cidade.

Tal movimento encontrou expressão a partir da segunda metade do século XIX em subúrbios burgueses desde *Riverside* em Chicago, em núcleos fabris desde *Bromborough Pool* na Inglaterra, na proposta de Cidade Linear concebida por Soria; no projeto de Cidade Industrial de Garnier e, sobretudo, no modelo de cidade-jardim, pensado em seus aspectos

organizacionais por Ebeneser Howard e traduzido espacialmente por arquitetos como Barry Parker e Raymond Unwin, entre outros.

A partir de *Letchworth*, fundada em 1903, segundo projeto de Parker e Unwin, a forma espacial da Cidade-Jardim começa a se consolidar, associando preceitos defendidos por Howard - proibição comércio em áreas residenciais, população limitada, cinturão verde, presença de vegetação, etc. -, motivos vinculados à estética do pitoresco - *cottages*, jardins, parques e *allotments* e eventual traçado sinuoso de vias - e formulações e métodos de projeto definidos por planejadores, entre os quais é relevante a ação de Unwin. Em seus planos e reflexões teóricas, Raymond Unwin elabora procedimentos para projetos de urbanismo baseados em fundamentos flexíveis e orgânicos (Unwin, 1984), contribuindo de forma essencial para o que se entende por urbanismo de viés cidade-jardim.

A incorporação dos padrões urbanísticos associados ao modelo Cidade-Jardim tem longa tradição na história dos núcleos empresariais criados por fábricas e empresas de mineração. Os núcleos fabris ingleses de *Bromborough Pool* (fundado em 1853 pela fábrica de velas e lubrificantes *Prices's Patent Candle Company*), *Port Sunlight* (criado a partir de 1888 pela indústria de sabonetes Lever) e *Bournville* (construído a partir de 1894 pela fábrica de chocolates *Cadbury*), com seu tamanho limitado, suas generosas provisões de espaços verdes, suas casas dotadas de generosos jardins e, no caso dos dois últimos, com traçado urbano solidário com as linhas do relevo, são precursores do modelo espacial adotado em cidades-jardim. Esta tradição teve continuidade no século XX, em diversos países. *New Earswick*, concebido por Unwin e Parker e edificado a partir de 1902 pela fábrica de chocolates *Rowntree*, é um exemplo relevante na Inglaterra. *Kiruna* - construído em 1900, na Suécia, com projeto do arquiteto Per Hallman - revela influências da tradição romântica e pitoresca de Olmsted e do movimento das Cidades-Jardim, configurando um plano que tem como ponto de partida a paisagem. Nos Estados Unidos, esta tendência encontrou expressão, por exemplo, nos projetos de expansão e reforma de núcleos fabris elaborados pelo arquiteto-paisagista Earle Draper, no período posterior à Primeira Guerra, dentre os quais o de *Chicopee*, construído na Georgia, em 1925, pela Johnson & Johnson (Correia, 1998).

No Brasil, o modelo seria empregado em loteamentos destinados à burguesia, em cidades planejadas e em núcleos residenciais criados por empresas estatais do setor elétrico e por fábricas.

2. O modelo cidade-jardim em experiências de fábricas brasileiras

Provavelmente o primeiro exemplo nacional de conjunto de moradias destinadas a funcionários de uma empresa seguindo paradigmas urbanísticos da cidade-jardim seja o conjunto, constituído por dez casas para gerentes e funcionários casados e uma hospedaria para solteiros, destinado a gerentes da filial do Frigorífico Swift do Brasil em Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. Este conjunto, que estava em construção em 1918, compunha-se de amplas casas semelhantes e de um alojamento para solteiros dispostos em meio a uma ampla área arborizada, desprovida de cercas internas.

A vila da fábrica de fósforos da Fiat-Lux, na cidade de São Paulo, é outro exemplo de aplicação de desenho de viés cidade-jardim em vila operária. Suas 72 casas dotadas de jardins estão dispostas em três ruas amplamente arborizadas, que convergem para uma praça.

O projeto da vila operária - construída entre 1919 e 1921- para os empregados da *Companhia Commercio e Navegação*, em Niterói elaborado por Ângelo Bruhns é notável pela coerência entre um plano e uma arquitetura filiados à estética do pitoresco e pela compatibilidade entre o projeto e as condições do terreno. O fato da construção da vila ter sido fiel ao projeto, também é digno de nota. Seu programa é amplo, incluindo cooperativa (com posto médico e armazém de consumo), escola, igreja, 158 casas para operários, alojamento para rapazes solteiros, casa para o padre e residência para o superintendente da empresa.

Bruhns cita *Port Sunlight* e as vilas da *Krupp* entre as experiências que teriam servido de inspiração para seu projeto (Bruhns, 1921, p. 53; Bruhns, 1922, p. 7). Alega que não tinha pretensão de equiparar seu projeto a estes internacionais, inclusive pela exigüidade da área disponível, mas assume que buscou imitar “*o quanto possível o caracter de installações congeneres estrangeiras, conforme a recomendação dos dirigentes da empresa proprietaria*” (Bruhns, 1921, p. 53). Seu propósito é gerar uma moradia operária que fosse ao mesmo tempo confortável e simples; atraente e integrada a um cenário pitoresco. O terreno destinado à vila era acidentado – avançando pelo Morro da Armação - e irregular, favorecendo a opção por um desenho de viés pitoresco, onde construções inspiradas no *revival* da arquitetura doméstica europeia ocupam ruas sinuosas, algumas conformando bolsões e *cul-se-sacs*.

No seu projeto, Bruhns adota várias das recomendações elaboradas por Unwin para o planejamento de áreas residenciais, tais como a atenção ao sítio (topografia, vegetação, vistas e outras características de interesse), a definição de um lugar central que concentre edificações de maior tamanho e/ou de caráter coletivo, como igreja, lojas, escolas,

etc, e a implantação da capela com destaque e com distância de atividades que possam comprometer o culto (Unwin, 1984). Também segue a recomendação de desenhar as vias de modo que sigam as linhas naturais de drenagem e que proporcionem vantagens à implantação dos prédios em suas margens (Unwin, 1984).

Atento ao sítio de topografia acidentada, Bruhns desenha vias levemente sinuosas, adequadas à drenagem, ao tráfego e à criação de espaços expressivos. Algumas partes do terreno foram julgadas inadequadas à ocupação devido à alta declividade, enquanto em outras foram projetadas ruas, cujos traçados acompanhavam as curvas de nível de modo a favorecer a drenagem das águas pluviais: à hierarquia do sistema de drenagem fez corresponder a hierarquia e a dimensões das ruas. Assim, subordina a diversidade de formas das vias a condições objetivas, seguindo os postulados de Unwin que recomendava para áreas residenciais uma maior flexibilidade no traçado das vias, contanto que nenhum movimento fosse destituído de propósito (Unwin, 1984).

Na vila de Niterói, a implantação resultou em casas com recuos variáveis; em quadras de forma e tamanho diversificado; e em vias com traçados que mesclam trechos retilíneos com curvas suáveis: “*Seguindo as modernas tendencias do urbanismo, evitou-se o plano em xadrez, e procurou-se, ao contrario, as ruas curvas, sem grandes trechos em linha recta*” (Bruhns, 1922, p. 27).

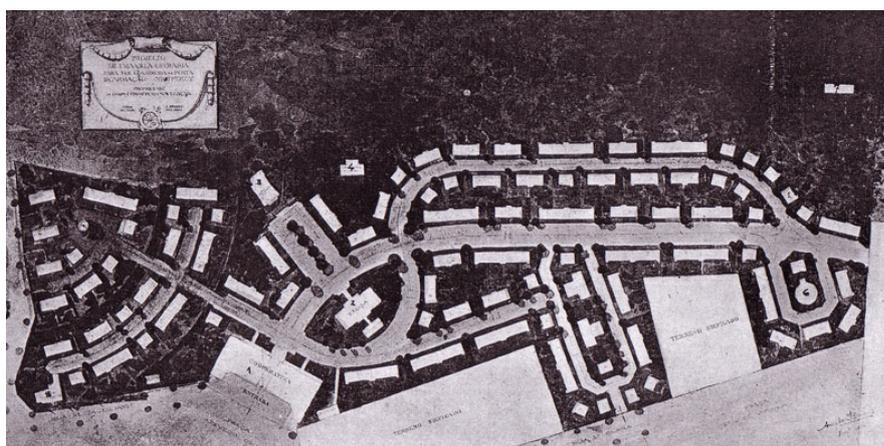


Figura 1. Vila da *Companhia Comercio e Navegação*. Fonte: BRUHNS, 1921, p. 54.

Tal como recomendava Unwin, Bruhns criou na vila um lugar central - “*o motivo principal da composição*” – composto por uma praça em cujas extremidades locou as duas edificações de maior tamanho e de caráter coletivo: a capela e a escola (Bruhns, 1922, p. 27). Seguindo ainda Unwin e toda nossa tradição colonial, a capela foi implantada isolada e em local elevado: a meia encosta e emoldurada pela vegetação do Morro.

Coerente com o modelo espacial das cidades-jardim foi prevista arborização entre os blocos de moradias, de modo “*que haja bom efeito de paisagismo sem prejudicar a perspectiva das casas*” (Bruhns, 1922, p.28). Além da praça em frente à igreja e do parque em torno da escola, algumas pequenas áreas verdes foram criadas, em mais um exemplo de adoção de recomendação de Unwin, que sublinhava a utilidade dos pequenos espaços abertos em áreas residenciais (Unwin, 1984). Entretanto, diferente de alguns exemplos de núcleos, bairros e cidades-jardim onde os jardins surgem sem muros e *allotments* coletivos são criados, optou-se por dotar cada casa de um quintal e jardim isolados por muros.

De acordo com a tendência das cidades-jardim optou-se pela moradia unifamiliar. Foram propostos três tipos básicos de plantas de casas, que agrupadas de modos diversos geram seis tipologias. Tal variedade visa a “*satisfazer as varias categorias de operarios*” (Bruhns, 1922, p. 28). Havia casas isoladas e casas agrupadas em blocos com duas, três ou quatro moradias. Conciliando demandas de padronização com busca de uma paisagem pitoresca, “*a planta baixa foi de tal modo estudada que ella se mantem a mesma qualquer que seja o numero de casas em cada agrupamento*” (Bruhns, 1922, p. 27). Assim, partindo de modelos básicos de planta, se compõem diferentes volumes e fachadas, evitando-se a repetição e adequando-se as construções à topografia. O agrupamento de casas em blocos concilia o desejo da Companhia de “*obter o maior número possível de residencias*” (Bruhns, 1922, p.28), com a busca de economia e com prédios mais expressivos, comparados à alternativa de pequenas casinhas isoladas. Tal agrupamento aliado à disposição intercalada das tipologias contribui ainda para valorizar o conjunto do ponto de vista estético ao evitar a monotonia.

Este projeto foi, provavelmente, o primeiro de um conjunto de vilas e núcleos fabris de desenho de viés cidade-jardim projetados por urbanistas no Brasil. Em 1934, duas das propostas participantes do concurso promovido pela Belgo Mineira para Monlevade seguiram esta vertente. Uma é o “*Plano de urbanização da cidade operária de Monlevade*”, apresentado por Lincoln Continentino e a outra é o “*Projecto da Cidade Operária de Monlevade*” apresentado pelo arquiteto Ângelo Murgel. O terreno escolhido para o núcleo fabril colocava grandes desafios aos concorrentes: é extremamente acidentado e cortado pelo Rio Piracicaba - cujo leito encontra-se em uma profunda depressão - e por duas vias férreas. Estas barreiras físicas pré-existentes condicionaram as propostas: em ambas os 300 lotes previstos foram dispostos em três áreas distintas - separadas por declives e linhas férreas.

Na proposta vencedora do concurso para Monlevade e que orientou a implantação deste núcleo fabril, o engenheiro Lincoln Continentino optou por um desenho

compatível com as características irregulares da topografia do terreno, argumentando que ao invés de

“... um sistema rígido geométrico de arruamentos retilíneos, formando polygonos regulares (...) foram estabelecidos perfis racionais para os arruamentos, segundo as regras dominantes de urbanismo, applicadas ás cidades-jardins” (Continentino, 1936, p.125-126). Definiu seu plano para Monlevade como o de uma *“cidade jardim industrial moderna”*, equiparando-a a Port Sunlight e Bournville (Continentino, 1936, p. 282). Nesta concepção, conciliar um cenário aprazível com organização adequada do aparato de saneamento é uma questão central: *“Em seu esboço procurou-se tirar o melhor partido da natureza luxuriante e do local montanhoso, dando ao conjunto uma impressão risonha e clara. Mas principalmente no traçado da cidade, levaram-se em consideração as condições de saneamento ...”* (Continentino, 1936, p. 284).

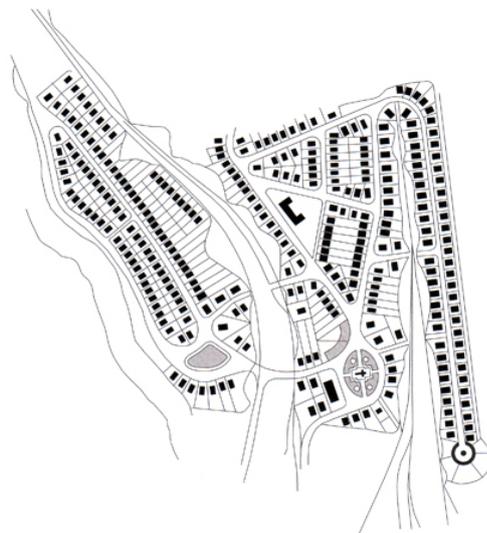


Figura 2. Plano de Lincoln Continentino para Monlevade. Fonte: Acervo da autora (baseado em Continentino, 1936, p. 283).

Às dificuldades do terreno - exíguo para o programa e cortado por vias férreas - são atribuídas por Continentino algumas deficiências que confessa ter o seu plano. Entre estas deficiências situa a insuficiências das áreas verdes e o pouco uso de arruamento em *cul-de-sac*.

Como ponto de partida do plano foram eleitas as condições de saneamento e a manutenção da beleza natural do sítio. O programa previa 300 lotes, os quais foram distribuídos em duas áreas - a alta e a baixa - cortadas pelo leito da Estrada de Ferro Central. Apesar da exigüidade de área, foram propostas duas praças, uma em cada destas áreas (Continentino, 1936, p. 284). Na parte menos acidentada da área foi projetado um centro urbano - comercial, administrativo e de serviços - organizado em

torno de uma praça em forma elíptica, com uma igreja no centro e reunindo em torno um grande edifício comercial (com armazém, leiteria, açougue, armarinhos, barbearia, sapataria, etc.), padaria, clube, cinema, prédio da administração, delegacia e correios. “A escola foi disposta no meio de uma pequena praça, onde pode ser organizado um play ground” (Continentino, 1936, p. 286). Seu raio de ação não excedia a distância de setecentos metros.

O sistema viário composto por passagens para pedestres, ruas residenciais e avenida marginal ao Rio Piracicaba, tende a se conformar em formas retilíneas ou em curvas suáveis. Alega-se que “previu-se o maximo possivel de área grammada e ajardinada” (Continentino, 1936, p. 284). Entre a faixa central e o passeio, foram propostas faixas gramadas com árvores de pequeno porte. “Aleas ou passagens” com quatro metros de largura foram criadas para pedestres e servir de passagens às canalizações. Com declividades máximas de 15%, as vias foram hierarquizadas segundo a sua função e capacidade de tráfego: “... as ruas estrictamente residenciaes têm a pista de 6.00 ms. de largura; a avenida marginal ao rio Piracicaba tem a pista de 9.00 ms. de largura, porque deve supportar o trafego da estação até a Uzina Siderurgica” (Continentino, 1936, p. 284).

Coerente com a intenção de diversidade que marca a concepção espacial da cidade-jardim, Continentino propôs ampliar os tipos de casas dos três sugeridos pelos organizadores do concurso para sete. O bangalô americano do século XX é a fonte da concepção das casas: são térreas, cercadas de jardins - distanciadas em pelo menos 4 metros das vizinhas e 5 metros da rua - separados preferencialmente por cercas vivas ou gradis de tubos e arames e dotadas das características típicas deste modelo de moradia: “O estylo architectonico das habitações é de bom gosto, elegante, simples e despretencioso, em harmonia com o scenario local. As fachadas das casas serão revestidas á rustico ou apresentarão côres claras” (Continentino, 1936, p.285). Em consonância com o conceito de domesticidade que articulava simplicidade, informalidade, conforto, funcionalidade e eficiência ao qual se filiou o bungalow americano, “as residências foram protegidas contra os ruídos exaggerados, estações, poeiras, fumaça, recuando-as convenientemente em relação ao alinhamento das ruas, rodeando-as de jardins e áreas grammadas, afastando-as da usina siderurgica e estabelecimentos industriaes” (Continentino, 1936, p.285).

Como fez Continentino, Murgel explicita claramente seu plano para Monlevade como expressão do urbanismo das cidades-jardim. Referindo-se ao montante de vegetação proposto em ruas, parques, jardins e quintais, argumenta que “... teremos um total apreciável e capaz de emprestar ao conjunto um agradável aspecto de cidade jardim” (Murgel, 1936, p. 272).

Adotou ferramentas do urbanismo das cidades-jardim, buscando adequar-se às condições naturais do terreno e procurando nelas fundamentos e motivos para o desenho urbano adotado. A máxima *“transformar em condição de beleza uma imposição formal do terreno”* orientou a definição do traçado, onde, argumenta-se, *“nenhuma curva é arbitrária”* (Murgel, 1936, p. 272). As ruas são na maioria dos casos sinuosas e sempre dotadas de ampla vegetação e arborização. As quadras têm na quase totalidade formas irregulares e algumas possuem pequenas áreas verdes coletivas no interior. Foi criado um parque central, um parque linear e vários pequenos parques. As casas são unifamiliares e cercadas de jardins. Os cursos naturais de água são preservados e recuperados como motivos para a criação de parques e vias para pedestres. Buscando conciliar economia e a *“intenção de integrar o mais possível a cidade com a natureza”* foram propostos dois tipos de ruas: um convencional e outro em três patamares para os casos nos quais as duas calçadas estejam em cotas de altitude diferentes (Murgel, 1936, p. 278).

Buscando as faixas do terreno passíveis de construção, o plano se estrutura em três partes principais, ligadas por uma rua dotada de duas pontes que são as únicas conexões por carros entre as três áreas. Um centro local foi criado em local central, de grande visibilidade e fácil acessibilidade: para ele converge a via tronco e situa-se *“... em um dos pontos dominantes, embora esteja em cota média, visível de toda a cidade e localizada em um “plateau” de aproveitamento fácil”* (Murgel, 1936, p. 272). Esta praça dispõe de um amplo jardim, uma igreja e um *“edifício central”*, que reúne atividades de comércio, ensino e lazer (escola, cinema, clube social e esportivo, armazém, lojas, bilhar, confeitaria, etc.).

Seguindo as recomendações da empresa, o arquiteto Ângelo Murgel criou três tipos de moradias: de dois, três e quatro quartos. Distribuiu estas moradias estabelecendo uma rígida divisão social do espaço. Locou na área central, junto aos equipamentos de uso coletivo, as casas maiores (128 lotes), junto ao Rio Piracicaba as casas médias (112 lotes) e na faixa compreendida pelos terrenos mais elevados as casas menores (62 lotes).

Além da *“praça principal”*, criou um parque linear margeando o rio e 13 parques menores. Todos os terrenos que devido à topografia eram incompatíveis para aproveitamento para ruas e lotes foram destinados a parques. Alguns destes parques menores situam-se no interior de quarteirões, junto a riachos: *“Os cursos naturais das águas foram respeitados em seus leitos actuaes os quaes deixamos inteiramente livres do loteamento, embora collocados algumas vezes no interior dos quarteirões, os quaes atravessam marginados pelas passagens secundarias atravessando pequenos parques internos”* (Murgel, 1936, p. 271).

O sistema viário proposto define-se - conforme a topografia -, em ruas retas ou curvas com raios amplos, sempre buscando rampas suáveis. Inclui uma avenida, “ruas-estradas” e passagens para pedestres.

Murgel informa ter feito uma opção por uma *“arquitetura viva, lógica e verdadeira, cujas raízes mergulhem profundamente no solo pátrio”* e que esteja em *“obediência aos fatores locais tanto materiais, industriais, econômicos, climáticos como sociais”* (MURGEL, 1936, 280). Na igreja a composição de viés *Art déco* fica evidenciada no uso de formas geométricas escalonadas, na ênfase ao acesso principal e no uso cenográfico do neon. Os demais equipamentos coletivos - cinema, escola, clube e armazém - foram reunidos em um só bloco. No projeto das moradias, o arquiteto indica ter buscado conciliar economia, estabilidade, beleza, durabilidade e as aspirações dos moradores. O bangalô americano - numa leitura simplificada e destituída de ornatos - é a referência arquitetônica adotada nas casas. A composição das fachadas é norteadas por dois elementos que acenam para o vínculo entre moradia e natureza: telhados se prolongam em beirais que avançam sobre varandas e amplas janelas abertas para jardins, enquanto um revestimento em pedra irregular na base da construção e a disposição de jardineiras na varanda, levando elementos em seu estado natural à construção, estreitam ainda mais tal relação. A promoção de privacidade familiar - coerente com a noção de simplicidade e conforto inerente ao bangalô - e de distribuição funcional do espaço é evidenciada pela opção por casas unifamiliares, cercadas de jardim, em cujo interior estão separadas *“a parte de vida em comum da parte íntima e da de serviço”* (MURGEL, 1936, 281).

Outro exemplo de plano de viés cidade-jardim - neste caso um bairro-jardim - destinado a operários no estado de Minas Gerais foi implantado na cidade de Juiz de Fora. Em 1938 dois artigos foram publicados sobre o plano de autoria do engenheiro Francisco Baptista de Oliveira para um conjunto residencial - chamado de “Bairro-Popular”, “Bairro-Popular Modelo” ou “Bairro Proletário Modelo” - para abrigar os empregados da Companhia Industrial Mineira, empresa fundada em 1883 (Oliveira, 1938; Juiz de Fora..., 1938). Os trabalhos elaborados incluíam: plano de urbanização, cálculo dos custos das obras de infraestrutura, perfis das ruas e projetos de arquitetura para coreto, chafariz, escola, igreja, cinema, creche, edifício para comércio e residências. No “bairro”, situado ao lado dos depósitos da fábrica, estavam previstas 169 casas, praças, igreja, cinema, escola, creche e uma área para comércio, na qual se previa a instalação de farmácia, açougue, padaria, sapataria, armazém, barbeiro, alfaiate, etc. (Oliveira, 1939, p. 70).

O terreno muito acidentado e um encanamento que cortava a área nortearam o traçado de ruas retas, curvas ou sinuosas e de lotes com diversas formas e dimensões.

Procurou-se evitar grandes movimentos de terra e vias com grande inclinação. Embora a proposta fosse de um bairro-jardim, as áreas livres – praças, logradouros e jardins – foram limitadas por medidas de economia.

Uma praça circular com coreto, situada mais ou menos no centro do conjunto, tinha em sua volta a área comercial, o cinema e a escola. Assim, enquanto o verde do centro da praça servia de perspectiva para as vias radiais que nela desembocavam, as atividades de comércio e serviços que concentrava enfatizavam a centralidade a ela atribuída. Aqui se propõe um espaço expressivo pela forma e uso, articulando arquitetura, urbanismo e paisagismo que remete ao *City Beautiful*.

Conforme o autor do projeto, “trata-se de um “Bairro-Popular” de vida autônoma, traçado de acordo com as normas urbanísticas mais modernas, onde seus futuros habitantes irão gozar os salutaros benefícios do sol, do ar e da vegetação” (Oliveira, 1938, p. 25). As ruas eram fartamente arborizadas. Os lotes ocupam 68% da área, enquanto praças, ruas e jardins 32% (Juiz de Fora..., 1938, p.27). Um pequeno córrego que margeia a área do conjunto não foi – entretanto – valorizado pelo plano: apenas delimita alguns fundos de quintais. Em 1938, noticiava-se:

“O traçado, simples e harmonioso (...) fornece um ambiente pitoresco e gracioso. Os lotes, inteligentemente distribuídos concorrerão forçosamente, para a boa higiene dos futuros prédios. Não se deixou, também, de ser preocupado o aspecto estético do conjunto, que foi artisticamente resolvido” (Juiz de Fora..., 1938, p. 27).

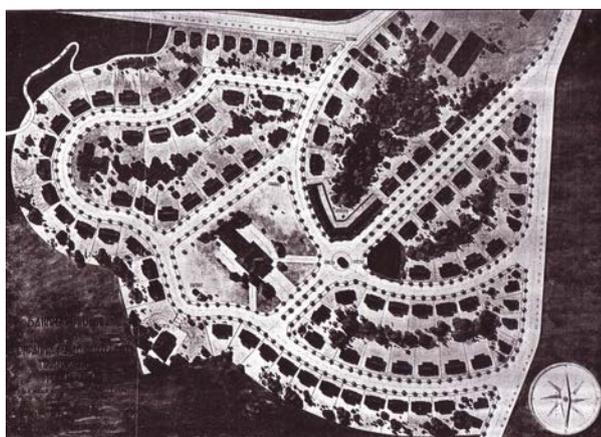


Figura 3. Plano do “Bairro proletário modelo” da Companhia Industrial Mineira. Fonte: Oliveira, 1938, p. 28.

Neste plano a estética do pitoresco encontra expressão tanto no plano – com traçado irregular, ruas sinuosas e farta presença de vegetação –, quanto na arquitetura dos

bangalôs “revestidos a rústico”. Sobre as edificações, Francisco Baptista de Oliveira escreveu: *“as construções, em geral, com os requisitos de resistência, de higiene, de beleza e de economia, permitirão o máximo conforto e muito concorrerão, com o seu conjunto harmonioso, para um ambiente alegre e pitoresco”* (Oliveira, 1938, p. 29). As casas projetadas são de três tipos: para operários, para mestre e contra-mestre e para funcionário. Das 169 residências, 25 eram casas isoladas e as demais geminadas. Todas têm jardim. Segundo Oliveira, *“o estilo das habitações está em harmonia com o cenário local, por isso terá que agradar, porque corresponde às exigências do meio. As fachadas das casas serão revestidas a rústico e apresentarão cores claras”* (Oliveira, 1938, p. 30).

Outro exemplo relevante da adoção da estética do pitoresco no cenário fabril brasileiro são os núcleos fabris criados pela Klabin do Paraná de Celulose S/A, especialmente a Vila Caiuby, situada no núcleo fabril de Harmonia, projetada em 1943 pelo construtor e projetista paulista Abelardo Soares Caiuby. Harmonia teria chegado a contar com cerca de seis mil moradores. Situado junto à fábrica, concentrou moradias para operários, casas de gerentes e técnicos especializados, além de uma variedade de serviços e equipamentos de uso coletivo.

Os núcleos residenciais da Klabin do Paraná incorporam elementos do modelo espacial associado às “cidades-jardim”: baixas densidades; ruas arborizadas; gramados; casas com jardins, parques, clubes e praças. Em Harmonia, entretanto o desenho é mais fiel a este modelo, com vias delineando suáveis linhas sinuosas, que seguem o desenho das curvas de nível, valorizando a topografia. Nela uma maior provisão de áreas verdes coletivas é verificada, tanto pelos parques, praças e clubes, quando pela eliminação de murros em volta de alguns dos equipamentos de uso coletivo.



Figura 4. Harmonia em 1948. Fonte: Acervo do Centro de Documentação e Memória de Klabin.

Na Vila Cauby as casas – destinadas a trabalhadores de nível médio - dispunham-se na maioria dos casos ao longo de duas ruas. Eram bangalôs de madeira, padronizados que variavam segundo dois tipos de planta. Algumas casas eram geminadas duas a duas, outras implantadas no centro do lote. Todas tinham jardins. A partir destes dois tipos básicos, criaram-se variações nos volumes, evidenciando-se a busca de romper a monotonia de uma padronização absoluta e assinalar pequenos sinais de distinção social mediante diferenciação nos ornatos e detalhes. A padronização dos muros do jardim - de madeira nas casas menores e de pedra e tijolo nas maiores - e a unidade em termos de tamanho, materiais e forma, garantem, no obstante, uma certa uniformização.

Um outro exemplo de desenho inspirado na forma espacial das cidades-jardins é Planta da Vila Operária da Companhia M. Zipperer, elaborada entre 1940 e 1943. A fábrica localizou-se em localidade rural, onde criou a partir da década de 1910 um núcleo fabril que posteriormente se converteria na cidade de Rio Negrinho, em Santa Catarina. Além de casas, a fábrica criou escolas, igreja, clube, armazém de consumo e hospital. No início da década de 1940, foi elaborada uma Planta da Vila Operária, incluindo ruas abertas nos primeiros anos da fábrica e ruas criadas na ocasião. O plano tem vias ortogonais, radiais e sinuosas, as quais convergem para uma praça de forma circular.

Outro exemplo de conjunto residencial de empresa com desenho que remete ao modelo espacial da cidade-jardim é a “vila dos engenheiros” erguida pela Alcan Alumínio do Brasil Ltda, em Saramenha, no município de Ouro Preto. Suas casas distribuem-se em ruas sinuosa numa encosta. São casas isoladas em meio a amplos jardins, de tamanhos e formatos diversos. A maioria delas tem telhado em quatro águas e dispõe de amplo terraço.

Visando abrigar pessoal de chefia, a Máquinas Agrícolas Romi construiu em Santa Bárbara d’Oeste - entre 1946 e 1950 - a Vila Romi composta de 21 casas, dispostas ao longo de três vias, numa ampla área verde dotada de dois lagos e área para prática de esportes. Neste caso, o plano aplica um conceito de moradias de alto padrão no interior de um parque fechado, que se aproxima de propostas posteriores de condomínios burgueses. As moradias tinham tamanho, forma e padrão diversos: as menores dispostas duas a duas, outras isoladas. Todas são térreas e têm jardins. Parte das moradias incorpora elementos do estilo Missões: telhado em várias águas; volutas; óculos; amplos beirais; revestimentos em pedra; e arcos plenos.

O projeto de urbanização de Timóteo - núcleo fabril erguido pela Acesita em Minas Gerais - elaborado pelo engenheiro Romeu Duffles, também buscou referências no modelo urbanístico das cidades-jardins. A indústria se implantou junto ao povoado de

Timóteo, ao lado do qual ergueu um núcleo fabril denominado Acesita, que reuniu cerca de 2800 casas, além de comércio e equipamentos de uso coletivo. A empresa criou clube de futebol, clubes sociais, Casa de Hóspedes, capela, igreja, 6 escolas (4 grupos escolares, um ginásio e uma escola de formação profissional em convênio com o SENAI), serviço de assistência médica (implantado em 1945, ao qual em 1952 seria vinculado O Hospital Acesita), armazém de consumo, farmácia, alojamento para solteiros, cinema, instalações para comércio e serviços, pocilga e matadouro (Quecini, 2007). O núcleo cresceu progressivamente e inicialmente através de construções emergenciais.

Em 1945, a empresa contratou Romeu Duffles para elaborar um projeto de urbanização para a área, concluído em 1952, portanto quando parte substancial do núcleo - implantado desde 1944 - já estava construída.

Segundo enfatizou Duffles, o plano para Timóteo "*obedeceu ao caráter de cidade-jardim*", se desenvolvendo entre avenidas parques - margeando as reservas do parque florestal criado nas áreas de erosão - e as encostas dos morros adjacentes (Duffles, 1952, p. 15). Seguindo as recomendações de seus contratantes, o engenheiro tratou as encostas e declives como reservas do parque florestal, enfatizou o papel das avenidas-parques e adotou um padrão de habitação unifamiliar em lotes extensos prevendo amplas áreas verdes. Ao contratar o plano para Timóteo, a empresa recomendou, entre outras coisas, que:

"a) Os lotes destinados às futuras residências operárias deveriam possuir grande área. Assim as casas ficariam afastadas, umas das outras, evitando-se desavenças entre vizinhos e haveria possibilidade dos moradores possuírem hortas, árvores frutíferas e criação de aves; b) Respeito máximo à natureza, evitando-se soluções agressivas a seus encantos, os quais deveriam ser preservados e realçados, pelos toques paisagísticos..." (Duffles, 1952, p. 1-2).

O núcleo residencial previa bairros para moradores de diferentes classes de renda e uma área comercial e institucional na qual se localizam serviços e comércio (casa de hóspedes, comércio, bancos, serviços, escolas). O plano previa 1725 lotes, distribuídos em seis setores, referidos como "*células residenciais*", com vida autônoma (centro comercial, clube, praça, escola, capela e locais para atividades esportivas junto à reserva florestal, inclusive campo de futebol) (Duffles, 1952, p. 17).

A implantação das construções foi bastante condicionada pela topografia dotada de algumas áreas mais ou menos planas irregulares, separadas por profundas depressões e cercadas por morros íngremes: a usina, o centro e os primeiros bairros residenciais

contornam os morros, ocupando os terrenos de menor declividade. Os lotes previam casas cercadas de jardins e quintais. Teriam frente larga e uma profundidade suficiente para permitir *“o afastamento das residências, umas das outras. Elas seriam mais isoladas e arejadas, além da vantagem de oferecer aos seus moradores maior privacidade”* (Duffles, 1952, p. 7). Para evitar monotonia, o recuo das casas variava de três a cinco metros (Duffles, 1952, p. 13). Nas áreas planas marginais às avenidas parques foram locadas residências coletivas para solteiros.

Coerente com a noção da prática de esportes ao ar livre como favorável à produtividade no trabalho, foram previstos em trechos da avenida-parque campos de voleibol, basquete, peteca, etc. Cogitou-se implantar em um morro situado entre dois córregos um clube ou um hotel, mas afinal – atendendo ao pedido do bispo de Caratinga – decidiu-se aí locar a igreja principal (Duffles, 1952, p. 7). Tal implantação é solidária com toda uma tradição que remete ao período colonial.

Os trabalhos de Duffles para Timóteo não incluíram projetos de casas. Os padrões de moradias adotados nos lotes projetados são casas unifamiliares: bangalôs com amplos terraços e jardins para os funcionários mais graduados; bangalôs menores ou pequenos chalés para os operários.

A Vila Gessy, construída em 1953 em Valinhos, no estado de São Paulo, pela indústria de sabonetes Gessy é uma expressão – embora mais modesta em termos de escala e de forma – da urbanística das cidades-jardins. Na Vila Gessy – com 81 moradias e um parque – morava parte dos funcionários da indústria, sobretudo, aqueles ocupantes de postos de chefia. Esta vila foi erguida no alto de uma colina. Suas casas se dispõem em vias sinuosas e em meio a amplas áreas verdes, constituídas pelos jardins desprovidos de muros das moradias, pelo parque e pelas terras das encostas. As habitações eram dispostas geminadas duas a duas, em blocos de quatro ou isoladas no centro do lote. Seguiam alguns projetos diferenciados, alguns com sutis referências – sempre nas varandas – ao estilo missões ou à arquitetura moderna. Todas eram dotadas de varanda ou pórtico, abrindo para o jardim.

3. Considerações finais

Os exemplos tratados neste trabalho evidenciam como o urbanismo das cidades-jardim encontrou campo de aplicação em núcleos fabris e vilas operárias erguidas no Brasil na primeira metade do século XX – sobretudo nas décadas de 1930 e 1940.

Observa-se como nestes exemplos, estratégias e procedimentos projetuais vinculados ao modelo espacial das cidades-jardim foram, na maioria das vezes, aplicados de forma parcial e restrita. Uma justificativa para tal são os requisitos de economia que regem

os empreendimentos industriais. Outras justificativas se aplicam a alguns casos: a urgência como alguns destes conjuntos foram erguidos, em alguns casos inclusive, se iniciando antes do plano que, deste modo, teve que se moldar ao já edificado; o fato de alguns planos haverem sido contratados de forma parcial (sem incluir o projeto das moradias, por exemplo), enquanto em outros não há a indicação de um urbanista responsável pelo projeto.

No Brasil, provavelmente o exemplo mais expressivo do uso dos postulados urbanísticos da cidade-jardim em conjuntos residenciais erguidos por fábricas para abrigar seus empregados seja a vila operária da *Companhia Commercio e Navegação* em Niterói projetada por Ângelo Bruhns. Neste caso, o traçado sinuoso de vias – coerente com as curvas do relevo – e a arquitetura projetada reforçam o aspecto bucólico do conjunto. Nele a configuração natural do entorno - farta vegetação, mar e morros – propicia uma moldura que enquadra e valoriza os atributos pitorescos buscados pelo autor do plano.

Outros planos elaborados por urbanistas – como Francisco Baptista de Oliveira, Romeo Duffles, Lincoln Continentino, Ângelo Murgel e Abelardo Caiuby – aproximam-se, embora não com tanta fidelidade, dos postulados da urbanística das cidades-jardins. Em outros dos exemplos tratados, entretanto, o método surge aplicado de forma muito parcial.

No conjunto, os doze planos tratados revelam-se testemunhos da adesão de industriais e de projetistas por eles contratados a um método de projeto, que se consolidou como uma das principais vertentes do urbanismo do século XX. O trabalho mostra como no Brasil, o método que tem sido mais conhecido por suas aplicações em projetos de bairros burgueses e de cidades planejadas, também foi mobilizado – e no caso de Niterói de forma exemplar - por indústrias em seus empreendimentos residenciais.

4. Bibliografia

- BRUHNS, A. 1921. Architectura. Uma grande Villa Operariaem Nictheroy. Architectura no Brasil, V 1, N 2, 49-55.
- BRUHNS, A. 1922. Memoria Descriptiva de uma villa operaria que vae ser construída na Ponta da armação, Nictheroy, para a Companhia Commercio e Navegação. Boletim do Instituto de Engenharia. V IV, N 12, 6-8 e 27-31.
- CONTINENTINO, L. 1936. Plano de urbanização da cidade operária de Monlevade. Revista da Directoria de Engenharia, V 5, N 3.
- CORREIA, T. de B. 2011. O Pitoresco no Mundo Industrial: Ângelo Bruhns e a Vila Operária para a Companhia Commercio e Navegação. Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade, N 3, 1-24.

- CORREIA, T. de B. 1998. Núcleo fabril X cidade livre: os projetos urbanos da Klabin do Paraná. Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas, PUC Campinas.
- CORREIA, T. de B. 1998. Pedra: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas, Papirus.
- DUFFLES, R. 1952. Plano de Urbanismo da Acesita. Belo Horizonte.
1938. Juiz de Fora vai possuir um Bairro Proletário Modelo - o engenheiro Baptista de Oliveira demonstra detalhadamente o projeto no Departamento de urbanismo do Centro Carioca. A Casa, N. 165, 26-27.
- MURGEL, Â. 1936. Projecto da Cidade Operária de Monlevade. Revista da Directoria de Engenharia, V 5, N 3.
- OLIVEIRA, F. B. de. 1938. "Bairro proletário modelo" da Companhia Industrial Mineira - Juiz de Fora. Revista Municipal de Engenharia, Rio de Janeiro, 23-30.
- OLIVEIRA, F. B. de. 1939. Notas Urbanísticas. Rio de Janeiro, Officinas d' O Globo.
- Quecini, V. M. 2007. Timóteo: o legado urbano de um projeto industrial. São Paulo, FAU-USP. Tese de Doutorado.
- UNWIN, R. 1984. La practica del urbanismo. Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios. Barcelona, Gustavo Gilli.